



Estadão / Opinião / **Colunas**



Espaço Aberto >

Conheça o Espaço Aberto na editoria de Opinião do Estadão. Veja análises e artigos de opinião em colunas escritas por convidados e publicadas pelo Estadão.

Opinião • | O papel da cultura e da arte no combate às mudanças climáticas

Ao criar narrativas poderosas, artistas instigam novos hábitos e inspiram soluções criativas para promover um mundo mais sustentável e menos desigual

Por **Eduardo Carvalho** e **Mariana Resegue**

28/01/2024 | 03h00



A crise climática exige uma mobilização global sem precedentes. Debates e negociações entre autoridades, empresários e sociedade civil, como os que acabamos de acompanhar na mais recente Conferência da ONU sobre o Clima, a COP-28, em Dubai, são passos fundamentais, mas, por si só, não bastam para conter os desafios que se impõem. Para promovermos uma reviravolta



Essa mudança requer tanto políticas públicas eficientes e tecnologias inovadoras quanto uma nova consciência coletiva. É aqui que entram a cultura e a arte: ao criar narrativas poderosas, elas instigam novos hábitos e inspiram soluções criativas para promover um mundo mais sustentável e menos desigual. A própria COP-28 reconheceu a importância do tema ao lançar o Grupo de Amigos da Ação Climática Baseada na Cultura, copresidido pela ministra da Cultura do Brasil, Margareth Menezes.

Embora quem produz cultura reconheça empiricamente que diferentes formas de expressão têm o poder de transformar vidas, só recentemente a ciência comprovou que a arte é capaz de promover mudanças sociais e comportamentais – ou seja, transformar o mundo. Um estudo publicado na revista *Nature* demonstrou o impacto da arte no engajamento ambiental. Cientistas compilaram dados sobre mudanças climáticas e os transformaram em obras abstratas, em seguida expondo-as ao público. O que ficou nítido foi que as versões artísticas geraram reações muito mais intensas nas pessoas que os números e os gráficos. É a cultura, e não a estatística, o catalisador da mobilização.

A arte tem a capacidade de transcender barreiras linguísticas para se conectar diretamente às emoções humanas. Ao explorar de maneira subjetiva as consequências das mudanças climáticas e da redução da biodiversidade, os artistas despertam no público uma forte empatia. O resultado é uma revolução nas percepções e nos valores que orientam nossa visão de mundo e nossas escolhas diárias.

No enfrentamento da crise climática, é essencial a participação da sociedade para pressionar por leis, políticas públicas e programas



será possível se houver colaboração e uma maior conexão entre artes e ciências. É importante, portanto, refletirmos como diferentes setores culturais, como música, eventos e arte contemporânea, podem contribuir para que as audiências compreendam a urgência de proteger a nossa casa comum.

Maria Vlachou, autora do livro *O que Temos a Ver com Isto? O Papel Político das Organizações Culturais*, ressalta a função dos museus em meio às emergências sociais. Para ela, essas instituições são “ferramentas de poder que decidem o que deve ser lembrado e o que pode ser silenciado”, algo que, ao ser sentido e compreendido por grande parte dos cidadãos, exerce “um impacto decisivo na natureza”.

Vale citar também Jorge Melguizo, que, como ex-secretário de Cultura de Medellín, na Colômbia, reduziu os índices de criminalidade pelo aumento de investimentos em cultura. Para ele, assim como acontece com o combate à violência urbana, a adoção de ações culturais pode mitigar os impactos da crise climática. Em entrevista à pesquisadora de Economia Criativa Cláudia Leitão no livro *Criatividade e Emancipação nas Comunidades-Rede*, Melguizo afirma que a cultura e o meio ambiente são as principais riquezas do Brasil e da América Latina, embora ainda não tenhamos compreendido seu grande valor. “O que aconteceria se decidíssemos formular planos de desenvolvimento de nossos países com base nessas duas enormes riquezas?”, provoca.

A cultura brasileira é uma das mais expressivas do mundo, mas nos últimos anos o País viveu o dismantelamento generalizado dos programas de incentivo na área. Há, no entanto, caminhos para a mudança. O recém-lançado relatório *Cultura em Evidência*, elaborado pela organização C de Cultura em parceria com o



e propondo maneiras de potencializá-la, ouvindo também aqueles que a fazem e promovem. As evidências permitem analisar desde boas práticas para a construção de políticas públicas até inspirações e reflexões para a construção de uma cultura pulsante e sustentável para todas as pessoas.

Rumo à COP-30, que acontece em dois anos no Brasil, precisamos, sim, reduzir emissões de gases de efeito estufa, realizar a transição energética, zerar o desmatamento e buscar práticas agrícolas sustentáveis. Mas é igualmente necessário investirmos na formação de gestores culturais, oferecendo ferramentas para a criação, a implementação e o monitoramento de políticas alinhadas ao desenvolvimento social, impulsionando também narrativas que envolvam justiça climática e resiliência. Somente com isso o setor cultural poderá contribuir para a construção de um futuro melhor para o planeta e para as pessoas.

*

SÃO, RESPECTIVAMENTE, CURADOR DE EXPOSIÇÕES E GESTOR CULTURAL; E DIRETORA EXECUTIVA DO C DE CULTURA E COORDENADORA ESTRATÉGICA NA ALIANÇA DE ORGANIZAÇÕES EM MOVIMENTO

Opinião por Eduardo Carvalho

Curador de exposições, é gestor cultural

Mariana Resegue

Diretora executiva do C de Cultura, é coordenadora estratégica na aliança de organizações Em Movimento

Encontrou algum erro? [Entre em contato](#)